



Familiares e pacientes da ABRACI-DF reunidos

Vivendo no espectro

Nunca tantas pessoas receberam o diagnóstico de autismo. A ciência avança no entendimento do transtorno, ainda cercado por incertezas. Famílias e pacientes contam os desafios na busca por qualidade de vida

POR GIOVANNA FISCHBORN

Uma em cada 44 crianças tem autismo, segundo um estudo de 2021 do Centers of Disease Control and Prevention (CDC), o Centros de Controle e Prevenção de Doenças, dos Estados Unidos. No período de 2000 a 2002, essa prevalência era de uma para 150. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) não tem cara. Acomete qualquer raça, etnia e diferentes grupos socioeconômicos. O diagnóstico diz respeito ao paciente, mas significa também uma mudança radical para a família.

As primeiras características do autismo parecem ter sido apresentadas pelo psiquiatra Leo Kanner, em 1943. Na obra *Distúrbios autísticos do contato afetivo*, ele descreve crianças com quadro de isolamento extremo e desejo obsessivo por padrões, mesmices. Ainda pouco conhecido na época, várias hipóteses foram levantadas sobre o transtorno. Entre elas, que pais pouco afetivos com os filhos contribuiriam para que eles tivessem TEA — ideia, hoje, completamente desfeita.

Ao passo que a ciência avança no assunto e abre portas para que pessoas autistas tenham qualidade de vida, famílias ainda enfrentam dificuldades na busca por tratamento. A realidade é que o diagnóstico não é precoce para todos, e a rede de apoio restrita.

Lucinete de Andrade e Edilene Gomes da Silva, mães de jovens autistas, dedicam-se integralmente aos cuidados dos filhos e são exemplos de que, na maioria das vezes, essa missão fica mesmo destinada às mulheres. E quem tem autismo grau leve? Alessandra Boaventura só soube que estava no espectro quando foi investigar o caso do filho. Viviane Martins e Gabriel Martins compartilham a rotina de cuidados com

COMO AJUDAR

ABRACI-DF

Chave Pix: 13053535000172

Ou entre em contato no (61) 99106-0034

Mais informações: <https://abracidf.com/>

Murilo, de 11 anos. Histórias que a Revista compartilha nas páginas a seguir.

Tratamento para todos

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) estima que 13 mil pessoas convivam com o distúrbio do neurodesenvolvimento. Por aqui, uma instituição filantrópica vem se destacando no esforço para atender essa população, especialmente os que vêm de regiões administrativas e do Entorno. A ABRACI-DF (Associação Brasileira de Autismo, Comportamento e Intervenção) é mantida por pais de crianças com autismo, que organizam doações e eventos em prol dessa comunidade. Mediante uma taxa associativa, o paciente tem acompanhamento psicológico semanal.